

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE NOVEMBRO DE 1905

N.º 164

## O vice-almirante conde de Paço d'Arcos



*Antigo governador no Ultramar, governador civil de Lisboa,  
ministro plenipotenciário de Portugal no Rio de Janeiro, major general da armada,  
marinheiro distinctissimo com uma carreira gloriosa.*

† em Lisboa a 5-11-905

# CHRONICA



As visitas de estrangeiros illustres a Portugal tem para este uma grande importancia, muito maior do que qualquer significação politica que se pudesse attribuir-lhe, porque tem a enorme vantagem de tornar bem conhecido de quem nem sempre é muito lido em geographia, este torrõesinho de terra que podia ser a ponte mais rapida, mais commoda e mais bonita entre a Europa e a America. E vamos felizmente avançando um pouco para o ser.

Não ha muitos annos ainda que um *touriste* portuguez passeando pelas ruas de Paris, de Bruxellas ou de Londres, passava apenas por um *hespanhol do sul*. Hoje, quando algum nos attribue esta patria, surge logo ontrem a protestar que Portugal não é a

Hespanha, e accrescentam muitas vezes, especialmente se são belgas: — como a Belgica não é a Franca

Em tempo, visitando San Remo, uma cidade italiana, perto da côte d'Azur, onde agonisava na villa Zyris o pae do actual Kaiser, a chronica foi encontrar em um hotel em frente, que passava por ser o primeiro d'aquella estação de inverno, e em uma lista de vinhos, o nosso Porto, fazendo uma linda figura perto do Val de Pênas, hespanhol, e o excellento Madeira, considerado como vinho... inglez!

O leitor que tem viajado e sobretudo o leitor que está longe da sua patria comprehenderá bem o que estas pequeninas cousas que nos fazem sorrir quando estamos sentados no Avenida ou no Martinho, assumem para o orgulho patriotico uma importancia extraordinaria, além fronteiras. A primeira ideia da chronica foi atirar com a lista da janella abaixo, deixar o almoço em meio, e gritar bem alto que o Funchal é portuguez e o Porto é a capital do norte. Para fugir ao escandalo limitou-se a chamar o creado.

— O dono do hotel está aqui?  
— Está, sim, senhor.  
— Peça-lhe o favor de me vir falar.  
— D'ahi a tres minutos apparece o proprietario do hotel, rapaz novo, um pouco magro, attencioso e mesmo demasiadamente cumprimentador.

— Desejava...?  
— Desejava saber a que paiz o senhor pertence.  
O homem, muito admirado:  
— Sou italiano.  
— Ah! a Italia dizem ser um paiz muito bonito...  
— Na verdade.  
— Não é capaz de adivinhar de onde eu sou...  
— Hespanhol.  
— Não...

O homem pensou um pouco e depois accede pressuroso:  
— Portuguez...  
— Oh! senhor! Pois o senhor conhece a existencia de Portugal, uma Princeza italiana é viuva de um rei nesso, e o senhor não hesita em estampar aqui n'esta lista, estes dois erros crassos de geographia.

O italiano que tinha uma certa vivacidade, ficou um momento perplexo e depois, baixinho, para que ninguém o ouvisse, sahio-nos com esta hespanholada:

— Se eu fosse a dizer a verdade, não apresentava na lista senão vinhos... portuguezes.  
— ???!  
— O Madeira que se compra aqui, é o seu Torres, depois de passar as forças caudinas: ha Collares que só muda de nome, e *jeu passe et dea meilleurs*.

— Esses vá, que mudem de nome, mas aos que o conservam ou fingem conservar, não se esqueçam da geographia.

Ora são realmente esses erros geographicos que vão rareando pouco a pouco, á medida que Portugal vaee recebendo visitas. Um jornalista parisiense dos que vieram recentemente a Lisboa, dizia-nos, entre grandes exclamações de espanto:

— Mas lá fóra não se conhece o seu paiz.  
— E verdade, mas a culpa não é nossa.  
— Então de quem é?  
— E dos senhores que são muito iguorantes. Veja bem como nós conhecemos a Franca, e tão bem, accrescentámos lhe sorrindo, que ás vezes conhecemol-a melhor do que os senhores proprios.

E para o provar, havia numerosos exemplos. Em 1886, quando vieram a Lisboa uns jornalistas francezes acompanhados a nossa gentilissima Rainha, então Princeza D. Amelia, conversavamos com um d'elles, o primeiro, talvez o mais talentoso e por certo o que estava mais em evidencia. Falou-se em theatro. O nosso illustre confrade pasinou do muito que sabiamos sobre o theatro do seu paiz e declarou-nos que por sua parte não sabia nada. Não era esse o seu *métier*...  
Sorrimos como se fosse o nosso!...

Mas, cousa curiosa! Somos realmente um paiz illustrado, habituado a ler, a seguir, a estudar os costumes dos outros, a admirar-lhes a arte, a litteratura, a decencia, e apesar d'esta nossa illustração que mette n'um chinello a ignorancia dos outros, em materia de administração caminhamos perfeitamente na rectaguarda de todos os paizes conhecidos. Sabemos o que lá se passa melhor do que elles, falamos o seu idioma melhor do que elles, como dizia uma vez, com muita graça, um amigo nosso a respeito de um compatriota que falava francez realmente bem mas que era de uma affectação extraordinaria de pronuncia, e no entanto ao passo que devoramos os seus livros, que seguimos o seu theatro, nem por isso caminhamos em materia de administração.

O que se passa recentemente com os professores do lyceu é prova, mais que sufficiente, para attestar não só a nossa incompetencia em materia de ensino, mas ainda, e o que é mais grave, a falta de noção que temos das nossas proprias responsabilidades. Não ha paiz algum no mundo, — e que nos citei um, sequer — onde, com a maior semcerimonia, e a mais criminosa intervenção, se atire para uma escola de que depende a sorte de centenas e centenas de rapazes, homens de amanhã, sem concurso e sem passado uma duzia de professores, pelo menos inexperientes, que nunca leccionaram, que em concurso não deram prova, e que sem mais nem mais, unicamente por empenhos ou por bamburrios, de um dia para o outro, surgem leccionadores abalitados. Todas as regras tem excepções, é mesmo muito possivel que a maioria senão a totalidade d'esses individuos esteja, pelos seus estudos, apta para o ensino secundario, mas digam-nos, onde é que o provaram, e quem é que o sabe, se elles sahindo das escolas, entraram logo no Lyceu, passando apenas por qualquer praia estival onde por certo terão feito tudo menos ensinar rapazes...

A nomeação de professores interinos para o Lyceu, devia ser feita entre os que tem concurso para effectivo. Tudo o resto conduz indubitavelmente á desmoralisação do ensino. Conta-se que um dos novos nomeados, ao ler no dia seguinte a tabella das suas aulas, ficára atropalhadissimo vendo que o haviam convidado a ensinar a materia para que se diassera habilitado, no 1.º, 2.º e 3.º anno.

— O primeiro, vá, dizia elle, mas o segundo! e o terceiro! Os meus conhecimentos da materia não chegam a tanto...

Dada a sua carreira official, perguntaram-lhe se preferia leccionar mathematica...

— Pois sim... mas apenas os rudimentos...  
Sabia de tudo... um poucochinho!

Por tudo isto, quando desaparece na paz do tumulo alguém que pelo seu trabalho, pelo seu valor pessoal, pela seriedade dos seus processos, quer na vida particular quer na carreira publica, se distinguu como o vice-almirante Conde de Paço d'Arcos — cujo retrato honra de novo as columnas d'esta revista — o vaeuo que sua morte deixa é sempre grande e sensível. Parece que esses homens levam para a sepultura qualquer parte do nosso ser como nação. Carlos Eugenio Correia da Silva era um d'esses homens, já hoje raros, que encontram nos merecimentos proprios materia sufficiente para exaltar os alheios. Foi um marinheiro mais que distincto, destemido, corajoso e intelligente. Pôde mesmo chamar-se-lhe um marinheiro brilhante, tal notoriedade assumiram muitas das suas façanhas maritimas. Foi um administrador zeloso e honradissimo, e é curioso, um homem que na sua vida particular nunca fóra, como tão pouco fóra seu irmão Pedro Correia, um cuidadoso zelador dos seus haveres proprios, era de uma correção, de um exemplo, que se lhe honram o caracter não lhe honram menos o coração.

Conta-se que em umas eleições que elle teve de fazer como governador civil, e que foram renhidiassimas, recebera do partido a que pertencia uma grossa quantia para fazer face ás despesas. No dia seguinte ao da eleição, liquidadas todas as contas, o Conde de Paço d'Arcos entregou ao presidente da commissão subscriptora que lhe não exigia contas nem n'ellas pensara... tres contos de réis de saldo. E no mesmo dia talvez pedisse adiantado os seus vencimentos do mez! Era ainda um grande patriota, cujos sentimentos a colonia portugueza no Brasil teve ensejo de conhecer e admirar. Sobre o seu tumulo desfolhamos uma saudade. Ha trinta annos, viu-o a Chronica, cheio de saude, de felicidade, de ambição, dentro da sua farda de capitão-tenente, entrar em uma sala onde se encontrava então, em pleno vigor de mocidade, com todo o encanto do seu sorriso bondoso e da sua simplicidade inegalavel, a senhora illustre que hoje chora a sua prematura viuvez. Como o tempo passa! Quem diria ao ver esse lindo velho, sempre gentil na sua figura, mas já um pouco cansado e tropego, que o Conde de Paço d'Arcos era o Carlos Eugenio Correia da Silva de 1876! Só o coração era o mesmo, talvez hoje um pouco desilludido das cousas e dos homens, mas sempre novo, sempre generoso, e sempre bom.

A bondade é tambem apanagio dos grandes...



# Monumentos de Lisboa



O Pelourinho do largo do Município



A Palmatoria do largo de S. Roque



e dois pequenos monumentos da capital nos temos a ocupar hoje, ambos collocados ao centro de dois largos de Lisboa, um, o Pelourinho no largo hoje denominado Praça do Município, o outro vulgarmente conhecido pela Palmatoria, no Largo de S. Roque, em frente da igreja e do edificio da Misericórdia. Não tem esses monumentos paridade alguma entre si, se não em serem ambos padrões históricos.

Os Pelourinhos datam dos Romanos, no tempo em que o povo rei decidia dos destinos do orbe antigo no Forum de Roma, praça intrinseca, onde um rico burguez de nome Moencios mandou levantar uma columna de pedra, ou grosso pilar, de pouca elevação, afim de servir de base a um estrado de madeira ou camarote. O povo chamou-lhe então columna Moencía, e ahí iam annos depois os triumphos castigar os delictos da plebe. Mais tarde veio o uso de se amarrarem os culpados á columna, expondo-os ao desprezo do publico.

O Pelourinho foi depois uma instituição puramente feudal; os donatarios da corôa e os prelados gosavam do direito de os levantar para lá mandarem expor os accusados perante a sua justiça senhorial. O povo folgava com esses espectaculos, mas, apesar d'isso, odiava os pelourinhos e os executores da justiça, e d'esse odio houve guerras como a de 1515 em que o povo lançou fogo ao pelourinho do mercado de Paris, na occasião em que o executor, Lourenço Bayard, fazia os preparativos para a exposição de um infeliz. Lourenço morreu tambem queimado.

A revolução de 1789 em França acabou com taes castigos. Mas em Portugal, unico paiz em que os pelourinhos não tiveram tão grande desenvolvimento, mesmo porque o poder feudal não teve cá as mesmas raizes que lançou em outros pontos da Europa, acabaram elles mais cedo. Desenvolveram se, no emtanto, como instituição municipal e funcionaram até o seculo xviii. As camaras mandavam levantar os em frente dos paços do concelho, e n'elle affixavam os seus editaes.

Vejamos o que diz a este respeito Vilhena Barbosa:

«Não obstante ser o Pelourinho instrumento de jurisdicção municipal, as justicas de el rei mandavam n'elle executar sentenças com diferentes penalidades. O castigo dos acoutes era applicado ao reu pela mão do carasco, umas vezes junto ao Pelourinho, preso a este ou solto, outras vezes caminhando ambos pelas ruas da cidade ou villa, parando nos logares mais publicos, onde se repetiam os acoutes. A pena de morte era executada por differente modo, conforme a qualidade do criminoso, isto é, a classe a que pertencia. Sendo peão morria na forca; se era nobre acabava de garrote, isto é, degolado sobre algum cadafalso, que se armava expressamente para esse fim, em logar designado na sentença condemnatoria.»

Antes do terremoto de 1755 havia em Lisboa duas praças de Pelourinho, o velho e o novo, nos quaes se fizeram muitas execuções. Ambas essas praças ficavam distantes da actual, onde se admira ainda o Pelourinho, que hoje damos em gravura, e que é uma formosa co-

lumna torcida e vasada, feita pelo architecto da nova Lisboa, Eugenio dos Santos Carvalho. A ultima execução capital que ali se fez foi a de um cadete pelo crime de fraticidio.

Depois de 1834 destruíram-se alguns pelourinhos, de que não ha vestigios.

Hoje existem ainda muitos, mas todos já despojados dos ferros, que eram os emblemas patibulares. Os do Pelourinho de Lisboa foram tirados no reinado de D. Maria II. E ainda bem que existem porque offerecem elementos muito interessantes ao estudo da architectura no nosso paiz, visto estarem em todos elles representados os estylos architectonicos introduzidos em Portugal desde o seculo xv.

O Pelourinho da Praça do Município é uma columna de pedra, inteiriça, fingindo ser formada de tres hastes que sobem da base ao capitel, torcidas e separadas.

Tem uma historia mais simples a Palmatoria do Largo de S. Roque, erigida pela colonia italiana residente em Lisboa, para comemorar o casamento de uma princeza da casa de Saboya com um rei de Portugal — D. Luiz I, pae do actual monarcha. Era então a colonia italiana numerosa e muito distincta, constituída entre outros pelo conde de Bobone, Dr. Megnoli, o Cinatti e o Rambois, dois artistas afamados, Ripamonti e Bianchi, os quaes constituíam a comissão promotora do monumento.

Este padrão, inaugurado no segundo anniversario do casamento real, é desgracioso e mesquinho, abonando em muito pouco o gosto artistico da colonia d'esse tempo, representante do paiz da arte, por excellencia. É uma columna da ordem composita, coroada por um festão em forma de medalha. Na face d'esta, tem a seguinte inscrição em italiano:

Pel Fausto Consorzio  
Delle Loro Maestà  
Il Re Don Luigi di Portugallo  
E La Principessa Maria Pia di Saboya  
A' di 6 ottobre 1862  
Nuovo pegno di frateltanza  
Fra i due populi

Gli Italiani residenti in Lisbonna  
Eressero

E na face leste a traducção em portuguez.

Não prima, já o dissemos, como obra d'arte esta memoria, mas é muito grata como homenagem prestada pela grande nação italiana aos reis de Portugal, e testemunho perduravel da confraternidade que entre os dois povos reina ha tantos annos, cada vez mais radicada.

A inauguração fez-se a 6 de outubro de 1864, sem a menor cerimonia. Assistiram apenas o ministro e o consul de Italia e alguns membros da colonia.

# PORTO DE LISBOA—Aspecto das docas e planta de Lisboa

UMA NOTICIA EM PRIMEIRA MÃO

**S**e paciência nos sobejas e tu, leitor da America, houveses por bem acompanhar-nos, guiar-te-lhamos carinhosamente, como bons *ciceroni*, pelo labyrintho da planta abaixo. Iríamos esperar-te a um dos caes acastivados da margem do Tejo, á chegada do primeiro transatlantico vindo do Sul e, com um compendio de historia debaixo do braço e os olhos bem abertos, deslizaríamos, por uma bella manhã de sol, de rua em rua, de avenida em avenida, a ver Lisboa. Crê, leitor, que de longe, de além-mar, nos contemplas por lentes esfumadas pela distancia, crê que vale a pena uma visita a este *país da sedell*, e sobretudo a estas sete colinas em que a velha moirama assentou arraias ha coisa de uns poucos de seculos, e de onde um punhado de bravos lusos e mais outro punhado de cruzados a expulsou.

Verias os velhos hairros — paginas vivas de recuados tempos — onde ficaram monumentos e restos dos barbaes dominadores. Contemplarias vastos panoramas pittorescos dos altos que abrangem horizontes largos. Ajoelharias nos templos que commemoram épocas gloriosas, como ajoelharias deante das maravilhas de arte que encerram. Prepararia pelos oito ou dez assensores que ligam as arterias inferiores aos planaltos. Pelos arruamentos amplos da parte norte e pelos hairros novos cheios de luz andarias enlaidado. E quando horas depois te encaufasses no expresso de Paris — Paris, o sonho dos que chegam — levarias uma saudades, e na retina o espectáculo inolvidavel d'esta maravilha que o rei Eduardo decajaria levar com o céu azul e tudo para



Navio em concerto



Doca de reparação — Transatlantico hespanhol Afonso XIII, em limpeza de fundo



O yacht 'O. Amélia' na doca

as brumas do seu país, e que o sr. Lombet namoriscou n'uma terrura de galão.

Clá te esperamos mais dia menos dia. E só prevenir. E nem isso. Basta que toques no ferrolllo de qualquer de nós, ou que acores ao primeiro que passa. Terás logo um guia e uma carruagem ás ordens. Clá te esperamos. Não deixarás de vir com as tuas malas e o teu *swelling* empurrando o molhullo do sr. marquez do Pombal. E inevitavel, agora que o Lazaroto resolveu não te explorar, e os guardas fiscaes abrião alas á tua entrada no posto de desinfeção, e nem um decimetro separará a terra firme dos tombadilhos.

E vamos dar-te uma novidade em primeira mão e que te tentará:

Além da livre pratica, concedida com a extincção das absurdas medidas quarantennarias, e que em poucos minutos permitirá que te installes em terra amiga, não perderás tempo, se quizeres seguir logo para a fronteira.

Explicamos para intelligencia tua. Os que ainda hoje procedem da Argentina, do Uruguay, do Chili, do Brasil, pedem em peral d'ella e tres dias por falta de correspondencia entre a chegada dos paquetes e a partida do *Sud-Express*. Vai acabar tudo isso para bem dos passageiros e das relações commerciaes entre a America do Sul, Portugal e a França.

A empresa do *Sud-Express* e todas as empresas de navegação transatlantica, merced das providencias do governo portuguez que teve como intermediario o ministro em Buenos Ayres, Constantino Roque da Costa, concertaram um plano que tornará quasi diarias as carreiras entre o porto de Lisboa e a America latina. A *Royal Mail* vai estabelecer quatro carreiras mensaes, em vez das duas actuaes. A *Hamburg America Line*, a *Messageria*, e a *Paqueta* farão o mesmo, o que dará em resultado VISTE e OITO carreiras mensaes, ou sejam quasi uma por dia, sendo o servico combinado com os horarios do *Sud-Express*, que por seu turno sairá de Lisboa TODOS OS DIAS que Deus Nosso Senhor mandar ao mundo. Fica assim garantido o servico directo entre os portos da America e Paris por Lisboa, porto que não podia deixar de ser obrigatorio.

Ah! lha a noticia quasi official e em primeira mão. Ganha o commercio internacional, ganha o servico postal e quotidiano, ganha a cidade os navios que em breve vestirã galas para receber os seus hospedes, e ganhas tu, leitor amigo e irmão pela raça, que lá longe nos lés intermedio, pois que nas poucas horas — scillo dias — de estada entre nós, accretará dizendo: *seguro não via Lisboa, não via esta lha*.

O velho porto de Lisboa, que ha dias nos escreveu uma longa carta sentida acaba de nos enviar uma lagrima de enternecimento que guardamos como joia de valor. Essa linda lagrima eloquente vinha toca a tremer em cima d'estas palavras tão simples e consoladoras:

«Esta vingado.»



Planta da cidade de Lisboa e das installações maritimas na margem direita do Tejo

# A Guiné Portuguesa

**A** enorme região da Guiné, tão descurada e quasi desconhecida, é uma inexgotável mina de thesouros que ninguém pensou nunca em explorar, levando para ali capitães e elementos de trabalho. A nossa tradicional indolencia e o receio do risco em materia de emprezas, tem deixado no abandono aquellos riquissimos territorios em que ha seculos dominamos dormindo. Todos os paizes coloniaes tendem a desenvolver as suas possessões, e os que não as tem vão fixar-se nas alheias, explorando-as commercialmente e estabelecendo carreiras de navegação para os seus productos que assim valorizam. Nós cruzamos os braços e assistimos impassiveis a essa invasão que pouco a pouco vai sugando o que poderia enriquecer-nos. E' o que succede na Guiné, em que a parte continental e a parte archipelago se medem por muitos milhares de kilometros quadrados.

Hoje pode dizer-se que a Guiné é apenas uma grande feitoria commercial de allemães e de francezes que se limitam a importar mercadorias para a permuta sempre vantajosa com os productos indigenas, n'uma lucta constante de interesses e de competencia. O negocio com os naturaes do paiz está quasi exclusivamente nas mãos d'esses concorrentes que auferem lucros fabulosos em prejuizo dos poucos portuguezes que por ali moirejam.

Nos seculos xvii e xviii, Geba, Cacheu, Farim e Buba tiveram grande importancia como depositos de escravos, mas caíram em decadencia, e estão reduzidos a pequenos povoados sem vida. Actualmente os verdadeiros centros commerciaes são Bolama e Bissau. Na Guiné ha commercio apenas, e esse acanhado, sempre o mesmo, sempre assente na troca de productos e na exploração do trabalho do indigena que vem do interior, do norte e do alto Senegal, pelos innumerables esteiros e pelo grande canal dos Bijagós.

Em agricultura não se pensa. A orientação sobre os modernos processos de plantação é nulla. No entanto os terrenos são feracissimos, o clima e a humidade dos plainos os mais adaptados para todas as culturas inter-tropicais, e alguns dos seus portos naturaes são amplas enseadas, onde poderiam fundear

navios das maiores lotações. A sua verdadeira riqueza seria a agricultura, que se mantém no estado rudimentar. Começam a surgir tendencias para um impulso agricola. Mas não bastam esses movimentos isolados. Torna-se necessario que os governos coadjuvem essas iniciativas e que os capitães portuguezes affluam corajosamente e concorram para o engrandecimento d'aquella provincia, hoje encravada em territorio francez. Poucos annos de cultura bastariam para se transformar a Guiné, que, pela sua situação especial, pela sua flora, pelos

seus jazigos mineiros, tem direito a sair da miseria, em que se acha, e a deixar de ser, como é, uma pedinte morrendo de fome sobre montanhas de ouro.

Justo é frisar os esforços do dr. Matheus Sampaio, o primeiro que comprehendeu o alcance do que será a agricultura na Guiné, e que em breve irá fixar-se na ilha de Caravella, quasi á entrada do rio Geba, com o seu deposito de generos e instrumentos agricolas — tentativa que em muito concorrerá para civilisar os povos semi-barbaros do grande archipelago de Bijagós (4.000 kilometros quadrados), tão doces e até hoje tão explorados nos centros commerciaes, onde os preços dos generos dependem do arbitrio dos compradores.

Fez-se outra concessão já — a de Pecisse — á entrada de Bissau.



O governador da Guiné, Carlos Pessanha, tendo á sua esquerda o Cherife (bispo), e padres mahometanos (mandingas)

Urge, porém, que estes exemplos sejam seguidos, que os poderes publicos promovam facilidades para aquisição de terrenos, que se estabeleçam carreiras de navegação, como a allemã, e que sobretudo os capitães portuguezes, que os ha, saíam das burras e da usura e derivem para aquelle grande imperio de riquezas esquecidas e abandonadas. Só assim o actual inicio de desenvolvimento da Guiné se accentuará.

A Guiné não tem deficit. Vive com os recursos dos direitos aduaneiros e o imposto de palhota. Contém uma grande variedade de raças, sendo as menos atrazadas as dos *Fullas* e *Mandingas*, gente belicosa, mas submissa ao governo e optimos marheiros. Os *Fullas* são povos pastores e cuidadosos creadores de gados. E' proverbial o carinho com que tratam os animaes. Poderiam pertencer á Sociedade Protectora e dar lições de bondade aos nossos conspicuos carroceiros. Os *Papeis*, ainda asselvajados, são bellos carregadores e os mais aproveitaveis para trabalhos de campo.



Mulher fulla



Mulher da raça fulla-forro  
Circumscrição de Geba

## Politica internacional

Depois do tratado de paz russo-japonez foi o tratado de aliança anglo-japonez o acontecimento internacional que maior impressão fez nas chancellarias. Póde mesmo dizer-se que com respeito a este ultimo a surpresa foi muito maior. A paz no Extremo Oriente, embora não se esperasse para tão cedo, não sur-



O regulo Ceillu  
Na visita do governador da Guiné, Carlos Pessanha, a Geba



Grupo de Bijagós

preendeu em absoluto. Mais cedo ou mais tarde havia de vir, e com esse facto e com as consequencias d'elle derivadas, todos mais ou menos contavam.

As gravuras que hoje publicamos foram-nos enviadas pelo nosso correspondente na Guiné e referem-se á viagem que o governador, sr. Carlos Pessanha, fez ha pouco tempo ao interior, pelo rio Geba, e onde se reuniram 22 regulos com as suas comitivas compostas de *Fullas* e *Mandingas*, formando um grande exercito de cerca de 20:000 homens a cavallo e a pé, e todos armados de espingardas e de espadas, estas fabricadas por elles proprios.

Recommendamos estas paginas a todos os africanistas e aos poucos que ainda se interessam pelo desenvolvimento das colonias portuguezas, tão ricas e tão atrasadas.

Espera-se sempre demasiado do futuro: só os pessimistas tem surpresas felizes.



Mulheres do Oio (mandingas)



Commando de Geba.—A comitiva do regulo de Coyada, Ceillu, chegando em frente da casa do commando de Geba

Não se suppunha, é verdade, que os japonezes cedessem quanto á indemnisação; mas o terem d'ella prescindido em cousa alguma alterou os prognosticos que se faziam sobre a terminação da guerra, principalmente depois do aniquilamento da esquadra russa em Tsushima.

Com o novo tratado de aliança anglo-japonez o caso, porem, muda de figura. Suppunha-se



Repertição de fazenda em Bolama



Regulos N'Gombu do Canadú, e de Mauá

com razão que o antigo tratado seria prorogado. Antevia-se mesmo a probabilidade de elle ser alargado em algumas das suas estipulações. Mas ninguém presumia que elle seria substituído por um verdadeiro tratado de aliança offensiva e defensiva, de tal extensão e de tal importancia. . . Não ha duvida de que Lord Lansdowne foi um habil negociador, e que d'esta vez, porventura mais ainda do que com relação ao accordo anglo-francez, o seu triumpho foi completo, e tão completo que a propria opposição applaudiu. E' esta a suprema consagração de um estadista.

Em tres pontos o tratado actual se differença do antigo. Primeiramente, quanto á duração. Era de cinco annos a do antigo; é de dez a do actual. Em segundo lugar, com relação ao *casus belli*. Pelo antigo, para que uma das potencias alliadas fosse em auxilio da outra era necessario que essa outra fosse atacada por duas potencias, pelo menos. Foi graças a esta previdente clausula, que a Inglaterra se poude conservar neutral durante toda a guerra russo-japoneza, impedindo ao mesmo tempo que uma terceira potencia intervesse a favor da Russia. Pelo tratado moderno, porém, a aliança, o *casus foederis*, entra desde logo em vigor quando qualquer dos alliados é atacado mesmo por uma potencia unica.

Finalmente o objecto do moderno tratado foi reforçado nas clausulas, que dizem respeito á integridade da China, e acrescentado com outras duas, que se referem á Coréa e á India.

Por estas ultimas a Inglaterra socorrerá o Japão se alguém tentar intrometer-se na posse da peninsula coreana por esta ultima nação, tal como o tratado da paz lh'o consente, e o Japão socorrerá a Inglaterra se alguém tentar perturbar-lhe o seu dominio na India. Não admira pois, que com semelhantes disposições o recente tratado de aliança tenha sido recebido com alvorço em Londres e em Tokio, e tenha provocado decidido mau humor principalmente na Alemanha. E' contra esta ultima potencia que elle é sobretudo dirigido. A clausula que acautella uma tentativa de *revanche* da parte da Russia

sobre o seu rival victorioso, e uma eventual aggressão da mesma potencia contra as fronteiras da India, tem pelo menos por agora e tel-o-ha ainda por bastante tempo, dada a actual desorganisação da Russia, apenas um valor theorico. Em S. Petersburgo sabem-n'o bem; e por isso a emoção que o novo tratado ali causou não foi tão grande como se esperava. Onde, porém, a nova aliança produziu o maior effeito foi em Berlin. Ninguém na capital germanica, a começar pelo imperador, se illudiu quanto ao seu alcance no que diz respeito aos interesses allemães. O golpe de lord Lansdowne, vibrado á expansão colonial allemã, foi de mestre. As bravatas teutonicas durante a guerra do Transwaal acabam de ter uma resposta fulminante por parte da Inglaterra, sem disparar um canhão e sem mobilisar um soldado.

O novo tratado anglo-japonez significa para a Alemanha a ruina inevitavel de todos os seus sonhos megalomanicos na China. Kiautschau tem de ficar reduzido ás modestas proporções do seu inicio, e mesmo assim por favor da Inglaterra e do Japão, que serão de hoje em diante as duas potencias preponderantes no Pacifico oriental e na China.

Dada esta significação excepcional do tratado anglo-japonez não é difficil de prevêr que elle vae dar logar a um novo agrupamento das potencias, que tem interesses no Extremo Oriente. Assim, os Estados Unidos não deixarão de se approximar das duas nações alliadas, como tambem a França. Uma e outra nação tem para isso nas Philipinas e Cochinchina a melhor das razões.

Por seu lado a Russia, do momento em que nada poderá fazer na Asia sem o beneplacito anglo-japonez, ha de vêr-se igualmente forçada a entrar n'um accordo. Já se fala em S. Petersburgo na acceitação em principio da *entente* anglo russa, e nada ha mais logico na presente conjunctura. Do momento em que o projecto de aliança



Regulo Ceillú e sua familia



Regulo Abdulay do Chime



Ponte de Bolama

russo-alemã fracassou, nada mais resta ao tsar do que congraçar-se com a sua antiga rival, tanto mais que os interesses em jogo, em vez de fundamentalmente oppostos, são de todo o ponto conciliáveis. Grande será o erro commettido pela Russia, se ella não aproveita esta occasião unica, que se lhe offerece, para regularisar a sua tão compromettida situação internacional.

E esta regularisação impõe-se-lhe com tanta maior urgencia, quanto é certo que a situação interior do imperio se agrava de dia para dia, tocando, pôde dizer-se, actualmente as raias da anarchia.

Dizia-se ainda não ha muito que a Russia não estava preparada para exigir pela força as reformas que um grupo numericamente insignificante de liberaes exigia. Ha apenas alguns mezes n'um celebre artigo publicado na *Fortnightly Review* sustentava-se que na Russia uma revolução era impossivel, que a grande massa da população do imperio era absolutamente indifferente ao programma dos partidos avançados, e que, se estes tinham elementos para assassinar granduques e generaes, faltava-lhes o prestigio e a força material para poderem impôr uma constituição ao imperio. Mais se dizia n'esse artigo, adduzindo para a demonstração numerosas provas, que na Russia a revolução só podia ser feita de cima, e imposta assim do alto á nação. As massas populares, immobilisadas, no seu tradicional indifferntismo, jamais dariam um passo para derrubarem violentamente a autocracia. A questão politica nada as interessava, continuava a afirmar-se, e jamais uma simples reivindicacão de direitos teria o condão de as unir n'um esforço revolucionario commum...

Passaram-se, porém, pouco mais de seis mezes; e a Europa aborta assiste á temerosa convulsão revolucionaria, que n'este momento abala todos os dominios do tsar, desde o golfo da Finlândia até á Siberia, desde o mar Branco até ao mar Caspio. Nunca desmentido mais terrivel foi dado ás previsões dos sociologos.

Vê-se bem agora a quantidade de materias explosivas que estavam accumuladas no sub-solo da sociedade russa, e como se illudiam portanto os que acreditavam na enganadora tranquillidade, por baixo da qual já rugiam os primeiros estremecimentos do vulcão. A verdade é que, até aos proprios que julgavam imminente a revolução, surprehendeu a extensão e a intensidade do actual movimento. Pelo prologo a que estamos assistindo, porque a nossa convicção é que nem mesmo ainda se chegou ao primeiro acto, pôde avaliar-se o que será esta revolução russa, que promette offuscar com os seus morticinios e as suas chacinhas em massa os mais negros dias do Terror. As victimas que em 1793 caíam ás dezenas e ás centenas, caem agora aos milhares e ás dezenas de milhares. N'este imperio colossal, povoado por perto de 130 milhões de homens, vae a morte fazendo hecatombes gigantescas, e todos os horrores que até hoje nos conta a historia das passadas revoluções chegam quasi a parecer-nos incruentos incidentes, quando os comparamos com o que, por exemplo, se está passando em Odessa...

Não se pôde por ora fazer uma ideia precisa do rumo que vae levando a revolução na Russia. As noticias directas são difficeis de obter, e as que encontramos nos jornaes francezes, inglezes e allemães nem sempre correspondem á verdade dos factos — exagerando-os umas vezes, attenuando-os outras, conforme

as predilecções ou o interesse do jornal que as dá. Parece no entretanto que nos ultimos dias ao lado do movimento revolucionario se accentua um movimento anti-revolucionario, que mais vem complicar ainda a situação, porque ameaça desencadear a guerra civil. Referimo nos ao movimento anti semita, que se está traduzindo pelo assassinato em massa dos judeus em Odessa e n'algumas outras cidades, e ao movimento contra os intellectuaes — escriptores e estudantes sobretudo — alvo n'alguns dos districtos do Volga da colera da plebe ignara, assolada pelos reaccionarios, que assim se vingam dos que com a sua propaganda prepararam o terreno á revolução.

Mas onde irá parar este movimento revolucionario russo, que o governo já não pôde dominar e que cada dia mais se agrava com as indecisões do tsar, o qual ora propende para as concessões liberaes, ora volta aos processos autocraticos, que tão caro lhe estão custando n'esta hora tragica? Não se pôde por agora conjecturar. O conde de Witte foi nomeado presidente do conselho de ministros. Mas esta nomeação que ha seis mezes ainda teria sido uma solução, arrisca-se hoje, por tardia, a nada remediar.

Até este momento ainda a lucta se tem mantido entre o povo armado e uma parte do exercito. Se a outra parte do exercito, porém, que se tem conservado mais ou menos passiva, toma abertamente o partido da revolução, como já alguns symptomas parecem indical-o, a autocracia na Russia está irremediavelmente perdida. O que vae edificar-se, porém, sobre as suas ruinas? E' a incognita que n'este momento a todos apavora.

CONSIGLIERI PEDROSO.



## O jogo em Monte-Carlo

III

**A**penas entrámos na galeria do Casino, mostrámos o nosso bilhete a um criado fardado que está collocado a uma das portas do fundo, por cima da qual se lê em grandes letras — *Entrée*. — e passamos á primeira sala de jogo. E' uma sala do tamanho do salão de 1.ª ordem do theatro de D. Maria, onde se encontram logo duas enormes mezas de jogo — a roleta — por cima das quaes pendem dois enormes lustres de bronze, de que jorram torrentes de luz.

Se o leitor não reparar, e na pouca consideração que lhe merecer uma casa de batota, não tiver tirado o seu chapéu, apparece-lhe logo um criado fardado a lembrar-lhe que ali, n'aquelle *temple augusto* do vicio, — para me servir da phrase de um nosso compatriota que lá encontrei — os homens descobrem-se, sem e com calemburgo.

Alguns mesmo, os que conhecem o Casino como os seus dedos



Bolama. — Igreja matriz

estão habituados a passar, lá dentro, dia e noite, para maior comodidade, deixam no vestiário, juntamente com os casacos, os chapéus.

Essas duas mezas são as menos concorridas, porque as frequentam de passagem os visitantes e os jogadores, aquelles curiosos por verem os outros salões, estes por procurarem nas outras mezas a sorte que lhes foge n'aquellas duas. São por isso também as primeiras que fecham, perto das 11 horas, porque em dando a ultima badalada das 11, os banqueiros levantam-se e a desforra fica adiada.

A impressão produzida pelo aspecto dos salões é primeiro de surpresa, depois de horror e sempre de pavor. Mal passamos a porta, atormenta-nos os ouvidos o tilintar constante do dinheiro. A medida que a roleta anda, um dos empregados da meza arrecada as moedas em diversos montes, conforme o seu valor. O choque d'essas moedas umas nas outras, o bater nervoso dos luizes nas mãos dos jogadores desgraçados, e o contar apressado dos empregados que pagam as paradas dos que ganharam, constitue uma *scie* de metal, desagradavel que, chega por vezes a fazer dôres de cabeça. Quem padece de enxaqueca não pôde ir a Monte Carlo.

Cada meza de roleta tem uns bons tres metros de comprimento por um de largo. Em cada cabeceira cabem tres pessoas. Ao centro d'essas mezas está a roleta, tendo de cada um dos lados dois empregados. Assim como nós temos ainda o typo do antigo burocrata, Monaco tem também o typo do empregado do jogo.

Não se parece positivamente com o batoteiro dos outros paizes — mesmo porque em Monte Carlo não o é. Emprega-se como podia empregar-se n'outra qualquer parte. Tem horas de saída e horas de entrada como qualquer operario de fabrica. Em vez de ir ser thesoureiro n'um banco, vai selo ali. Tem no entanto duas especialidades que lhe veem sobretudo da pratica: a de contar dinheiro com uma agilidade que assombra, e a de atirar longe as moedas com uma certeza que intimida. Do centro da meza elle faz todos os pagamentos de cada jogo, em menos de tres minutos, por mais variados, mais numerosos, e mais difficéis que sejam. As moedas na mão d'elle vão por cima da meza e vão parar exactamente ao pé da pessoa a quem são destinadas. É um novo exercicio malabar que faz gosto ver e que entretem devéras. Esse empregado é o que se chama bem posto. Barba feita, camisa muito lavada, e quasi sempre sobrecasaca abotoada como qualquer *gentleman*. Por cima da cabeça d'elles passam-se ás vezes os dramas mais pungentes, ao lado dão-se as peripécias mais comicas, trocam-se pela frente d'elle os dialogos mais interessantes, mas o empregado de Monte-Carlo é tal qual como um senador — inamovível. Não pestaneja sequer, veja o que vir, não sorri, ouça o que ouvir, não se mexe, façam-lhe o que fizerem. As mãos é que trabalham, a cabeça calcula; a boca e os olhos nada teem que ver ali. Não é um homem, é um manequim com corda para mexer em dinheiro. Mais nada.

Estes empregados teem no entanto categorias como nas repartições publicas. Ha uns que devem ser pouco mais ou menos o que entre nós se chama chefes de repartição: são os que se sentam n'uma cadeira mais alta, atraz dos outros dois que estão á meza recolhendo e pagando as paradas. O serviço d'estes chefes de meza, é a vigilância, unica e simplesmente. O trabalho portanto diverso. Este manequim trabalha apenas com os olhos. No resto é insensível como todos os outros.

A decoração da primeira sala é simples, mas rica; paredes e tecto de estuque. A segunda, que é o grande salão onde ha em vez de duas, quatro mezas de jogo, é em estylo arabe; ornamentação ainda mais luxuosa e muito mais rica do que a primeira. A terceira faz *pendant* com esta, tem como ella também duas mezas; nas paredes e tecto frescos de grande merecimento artistico representando a caça, a pesca, as corridas, a regata, quadros todos allusivos á grande vida de *sport*.

O aspecto de todas ellas é imponente; a luz que irradia brilhante dos grandes lustres, a atmosphaera temperada pelo calor dos fogões, das *toilettes* vivas das mulheres, a multidão que cerca cada uma das mezas e que se dispersa de quando em quando em grupos pelos bancos estofados que guarnecem as salas, um movimento constante de cabeças que se agitam, o rugir das sedas, os suspiros de allivio dos que ganham e o pigarro convulso dos que perdem, as exclamações de todos, tudo isso dá um *cachet* especial, unico, a essas tres salas onde vão cair riquezas de todo o mundo e onde se cruzam n'um *grand chaîne* continuo, senhoras honestas e mulheres perdidas, principes e plebeus, burguezes e vadios, capitalistas fallidos e commerciantes enriquecidos, velhas desdentadas e rapa-

rigas lindas, a suprema elegancia e o cumulo da *gaucherie*, o bom e o mau, o sabio e o tolo.

Cada uma d'aquellas phisionomias tem uma historia que muitas vezes se adivinha, que se ouve outras vezes e que por vezes também se idealisa. São historias simples de heranças adquiridas, historias escandalosas de roubos feitos, historias lascivas de amores illicitos. Ha assumpto para dramas, para comedias e para farças. O theatro encontrará ali um pasto enorme para as exigencias do publico mais difficil de contentar e os jornaes a fonte mais rica para a *reportage* das suas secções criminaes.

Infelizmente uns e outros não vêem ou parecem não vêr Monte Carlo. Encontraram porventura já os nossos leitores, através das columnas dos jornaes francezes e inglezes, sobretudo dos primeiros, alguma descripção, alguma noticia d'esse Casino que é por assim dizer o *Zé Povinho* do principado de Monaco, porque é quem paga tudo, com a differença apenas de que elle paga porque ganha e o typo creado por Bordallo paga o que ganha? Differença de posição! Só!

Não viram decerto, nunca leram que em Monte-Carlo houvesse desordens, cabeças partidas, roubos, suicidios? Pois todas essas scenas, todos esses crimes que constituem entre nós o cadastro da policia, e que fariam a delicia dos informadores dos nossos diarios, tudo isso, ha em Monte Carlo, todos os dias e a toda a hora. Os jornaes nunca o dizem porque o seu silencio — todos lá o sabem, — fi-



Bolama. — Rua marginal

gura com uma verba importante no orçamento de despeza do Casino!

— Só ao *Times*, contava-me um compatriota nosso que vive em Paris e que passa sempre a estação de inverno em Monte Carlo, para se divertir — é que elles ainda não chegaram! E acrescentava um parisiense que estava ao pé de nós:

— Os de Paris até teem, sempre que queiram vir a Monte Carlo, bilhete de passagem e 500 francos para a algibeira!

Isto conta se, isto diz-se alto, repete-se em todas as linguas, e ninguém protesta, porque nem todos calculam como eu que isso não passa de uma vil calunnia, e que o silencio dos jornaes francezes e inglezes a respeito dos factos tristissimos succedidos a todo o momento em Monaco, é devido unica e simplesmente á difficuldade em se obter qualquer esclarecimento na prefeitura de policia. E aqui teem um exemplo:

Uma vez distinguui-se nas salas do jogo, pela importancia das paradas que fazia, e que em pouco tempo formaram em torno d'elle, um grupo numeroso de mulheres bonitas — porque o ouro sempre attrae o que o ouro vale — um rapaz trigueiro, bigode castanho, alto e elegante, vestindo esplendidamente, um russo dos muitos que essa nação exporta todos os annos para a roleta. Esse rapaz n'um dia e n'uma noite perdeu tudo. Ao fim, a sua phisionomia transformou-se completamente. Passeiava pelas salas, a passos largos, pensativo, absorto n'uma ideia triste que lhe enrugava a fronte e o distraia de tudo quanto em torno d'elle se passava. De repente desapareceu das salas. Eram perto de 11 horas e os jogadores iam saindo a pouco e pouco.

Quando se levantou a ultima banca e á porta principal do Casino chegavam já os empregados para fechar a porta, sentiu-se um tiro, ali muito perto. Uma rapariga alta, de grandes olhos negros, uma formosa creoula que se demorára no jardim a conversar n'um grupo e que depois descreveu deante de mim esta scena, corre para o sitio de onde saíra o estampido, para junto d'aquelles tres bancos verdes a que já me referi. Um gendarme correu também. Do café de Paris, que fica á esquerda, saiu toda a gente. Aproximaram-se todos e com grande espanto — como senão fosse o desenlace mais natural d'este mundo — encontraram o pobre rapaz russo estendido ao comprimento n'um dos bancos.

O infeliz fizera saltar os miolos com um tiro de revólver. Houve então um côro de indignação pelo jogo de Monte Carlo. Os mais viciosos foram os mais indignados. Os que perderam tinham rugidos de leão, os que ganharam exclamações de nojo!

Cinco minutos depois, dois gendarmes levaram o cadáver para a prefeitura; os grupos dispersaram-se.

No outro dia o Casino abriu á mesma hora, houve a mesma

## Ainda a visita de Loubet

**D**epois de ter saído de Lisboa o Presidente da Republica Fran-  
ceza prolongaram-se as festas, não as do paço, ou as nacionaes, como lhe queiram chamar, mas as dos jornalistas.

Graças a um esforço colectivo e a um geral accôrdo de boas vontades, puderam os jornalistas estrangeiros que nos visitaram reconhecer não só que Portugal era um paiz hospitaleiro por excellencia, mas tambem que estamos menos longe da civilisação



Album offerecido a Loubet  
*Pagina de José Malhóia*

enorme concorrência de gente, e ninguém sabe ainda hoje quem era e o que era, o pobre russo.

A prefeitura de policia foi a primeira a não indagar, e é por isso que os jornaes francezes teem difficuldade em saber o que lá se passa!

De resto — em Monaco os suicidas são considerados como cães. Encontram-se nas ruas, enterram-se. São bons para estrume!

JOÃO COSTA.

A virtude mais rara nas luctas do pensamento, é a moderação.



Album offerecido a Loubet  
*Pagina de Carlos Reis*

do que muitos suppunham, de que apesar de vivermos paredes meias com a Hespanha, nem somos a Hespanha, nem, valha a verdade, com ella nos parecemos muito, e que pelos nossos processos de tratar, de receber, e de progredir, já conquistámos o direito de nunca mais ouvir que a Europa começava para lá dos Pyreneos.



Grupo de jornalistas francezes e portuguezes, tirado em S. Pedro de Alcantara em 30-10-905

Assignalou se entre todas as festas que se celebraram em honra dos jornalistas estrangeiros o banquete que no Bragança lhes offereceu a imprensa de Lisboa. Ahí, de um e de outro lado, se fizeram afirmações de estima e de confraternidade não só entre Portugal e a França mas, principalmente, entre os jornalistas dos dois paizes; e o nobre ministro de França em Lisboa, com uma isenção moral, um tacto diplomatico e um alcance de vista que o honra, pediu, no brinde final aos jornalistas do seu paiz, que d'ora em diante, ao molharem as suas pennas em tinta, nunca mais esquecessem os protestos, as afirmações que ali acabavam de ser feitas.

Pela voz de um dos directores do *Brasil-Portugal*, o sr. Jayme Victor, que pronunciou n'esse notavel banquete as palavras que se guem, ficou bem accentuada e expressa a nossa sympathia pela França, pelo seu Presidente, e pela imprensa d'essa grande e nobre nação:

Non, messieurs et mesdames, ces jours mémorables que nous venons renfermer ici dans une fête cordiale, ne s'éteindront plus, ne s'éteindront jamais ni dans l'âme de la patrie ni dans l'histoire de la nation. Ils se sont fondus dans la même idée, ils se sont identifiés dans le même sentiment la France et le Portugal. Et la Nature elle même, ne voulant pas manquer à cet inoubliable rendez-vous, a ouvert une parenthèse de lumière afin que le soleil, le rayonnant, le glorieux soleil portugais, ne mentit pas à sa tradition d'hospitalité et de galanterie; et vous avez vu comme il est venu rechauffer nos âmes et nos braves, étinceler sur les sabres de nos soldats, dorer les joues et illuminer le sourire de la femme portugaise, et aussi le vôtre, mesdames, vous qui représentez si hautement et si spirituellement l'éternelle jeunesse de la femme française. Dans cette confraternisation des esprits, dans ce touchement des âmes, on dirait, que se sont réfléchis le blanc et le bleu de nos drapeaux nationaux, le blanc du lys qui est la pureté, le bleu du ciel qui est la douceur. Et vous, messieurs, qui êtes les porte-voix de la civilisation, allez dire à la France que nous la comprenons et que nous l'aimons. Allez lui dire que si nous n'étions pas les fils de la patrie héroïque du Camoens nous voudrions ardemment avoir comme mère commune la patrie lumineuse de Victor Hugo. Allez lui dire que sous le même élan et par une ampliation identique de la mémoire et des aspirations, nous avons mêlées dans une seule les gloires de toutes les deux, comme si les frontières étaient superflues, et les deux peuples n'auraient désormais plus qu'une patrie. Dites-lui que les noms de nos grands morts, les noms qui sont le patrimoine de la France et du Portugal; Brazza et Mousinho d'Albuquerque, leurs héros d'Afrique, Musset et João de Deus, leurs poètes, Herculano et Guizot, leurs historiens, Zola et Eça de Queiroz, leurs romanciers, Pombal et Richelieu, leurs hommes d'Etat, Napoléon et Saldanha, leurs capitaines, et tant d'autres, ont été glorifiés avec tant de vénération comme nos vivants illustres, nos gloires d'aujourd'hui, ont été célébrés avec tant d'enthousiasme. Et dites surtout à la France que le peuple portugais, le bon, le pacifique, l'incomparable peuple portugais, n'a pas eu besoin de renier ses sentiments monarchiques ni son affection au Roi pour acclamer chaudement sur les rues et sur les places le Président de votre République.

Je lève donc mon verre à la confraternité, toujours ascensionnelle, des deux peuples latins, à l'hégémonie perpetuelle de notre race, aux prospérités de nos patries bien chéries, qui se sont rencontrées dans le passé à pratiquer des faits grands et heroiques et qui se rencontreront encore dans l'avenir, vers lequel elles marchent en triomphe attirées par le même idéal de justice, de paix, d'amour, et de progrès. A ja France et au Portugal!

## Satanaz

Diz Xavier de Maistre, na sua *Viagem á roda do meu quarto*, que não pôde esquivar-se a uma certa bemquerença para com o pobre Satanaz de Milton, depois de o vêr precipitado do céu.

Reprovando a contumacia d'aquelle espirito indisciplinado, confessava que a sobrançeria no extremo da desventura e a altivez de um animo indomavel o fazem propender, mau grado seu, até o sentimento admirativo.

Na verdade, o Satanaz de Milton nada tem da hendiodez das nossas credulidades infantis.

E' um vencido indignado.

Sem mostrar a feição sympathica do Prometheo eschylano,

pois que lhe falta o amor e a dedicação pelos homens; manifesta, comtudo, no seu orgulho, um impeto generoso que o leva á revolução e á liberdade.

Satanaz protesta contra todas as supremacias; é o precursor na lenda genesisica, da 93 democratica.

*\*Better to reign in Hell, than serve in Heaven.\**

Mergulhado nas sombras infernaes faz lembrar um Danton no patibulo.

E' Satanaz, mas é ainda archanjo. *The lost archangel*. Traz á memoria aquelle perfil do Eurico. — *\*Semelhante ao anjo rebelde, os toques bellos e puros do seu gesto formoso e varonil transpareciam lhe a custo atravez do véo de muda tristeza que lhe entenebrece a fronte.\**

Depois ha n'elle ainda um resto de commoção que o prende, quasi, aos séres creados.

As suas palavras violentas estillam uma melancolia saudosa.

*\*Farewell happy fields Where joy for ever dwells!\**

Ha n'isto um recordar-se do céu, como Othello se lembrava de Desdémone e da felicidade perdida.

*Farewell the tranquil mind! farewell content!*

Não admira, pois, que suscite um pendor levemente carinhoso, este revolucionario do principio do mundo, symbolo das remontadas aspirações; que luctam e se despedaçam contra o immutavel, como o oceano contra os rochedos.

O Satanaz do Dante é monstruoso.

*\*Con sei occhi piangeva, e per tre menti  
Gocciava il pianto e sanguinosa bava.\**

O poeta da idade média, como pondera Etienne, se concedesse belleza ao principe dos demonios, desmentiria completamente a arte gotica.

Esta concepção brutesca do genio do mal está na indole da época.

A pouca distancia da quéda, Satanaz conserva ainda uns reflexos da graça primitiva; mas com o correr dos seculos, as linhas desprimoram-se, o colorido murcha, a elegancia perde-se; e o que possuia a gentileza de um Adonis da velha côrte celestial, transfigura-se n'um papão de velhos e creanças, especie de satyro cornigero e de pé fendido, trescalando a enxofre eterebintina.

O demonio, ou Plutão, do Tasso, é pintado á maneira dantesca. Não tem o aspecto repugnante do seu antecessor, nem mastiga homens, como quem tritura castanhas piladas; mas é ainda uma figura de arripiar as carnes e o cabelo, das que estão a pedir tres ave-marias em cruz, sobre o lado esquerdo.

*\*Orrida maestà nel fero aspetto  
Terrore accresce, e più superbo il rende,  
Resseggian gli occhi, e diveneno infetto  
Come infausta cometa il guardo splende.\**

Para não dar a esta especie de demonographia ao correr da penna, nenhuma proporções de trabalho de costa acima, acrescentarei mais duas referencias ao inimigo.

Chateaubriand, nos *Martyres*, obedecendo á tradição, dá-lhe a magestade lugubre que se pôde attribuir a um archanjo revél.

Na falta do original aqui está o arremedo de Filinto:

*\*Não qual nos brilha esse astro matutino,  
Mas qual cometa aziago e tremebundo,  
Satan, na infernal turba, sóbe ao throno.\**

E' ainda um tanto aparentado com o da *Jerusalem libertada*.

Em regra, porém, desde Mephistopheles para cá, Satanaz é apenas um figurão desacreditado, como qualquer patriota, e ridiculo, como um faceira vadio dos tempos de D. João V.

E. A. VIDAL.

## Bibliographia

### Serra da Estrella

E' um elegante volume de duzentas paginas, impressas em bom papel, cujo auctor, o dr. Adelino Mendes de Abreu, um beirão intelligente e amigo da sua bella provincia, era já nosso conhecido por outros trabalhos de investigação historica. De tudo trata o elegante volume, dizendo-nos em poucas palavras quanto pôde desejar saber-se ácerca dos famosos Montes Herminios, o baluarte mais forte da independencia da Lusitania durante o periodo épico das luctas de Viriato com os romanos. Trata dos sanatorios estabelecidos na serra, insere curiosas monographias das villas que assentam nas faldas da serra, explica a topographia d'esta, a sua constituição, a sua hydrographia, as suas estações pre-historicas, fornece enfim ao viajante elementos para saber procurar e saber ver tudo quanto a serra da Estrella nos apresenta de bello e de magestoso.

Muito curiosa a parte historica do livro, especialmente no que diz respeito á designação de *Estrella*, pela qual são conhecidos, de ha muito, os antigos Montes Herminios. Em resumo, o livro merece ser adquirido, pois que desperta interesse e é util.

# O theatro e o actor



Reis Gomes

(Auctor de «O theatro e o actor»)

**M**ais um livro portuguez, e em bom portuguez, fructo raro nos tempos que vão correndo. O seu auctor, que tem tanto valor como modestia, consagra o seu trabalho aos novos do theatro e aos alumnos do curso da arte dramatica. Esqueceu-se de o recommendar a todos os homens de letras e a todos os que se interessam por coisas do theatro. Mas fazem-o nós. *O theatro e o actor* chega no momento preciso em que as casas de espectaculo reabrem, e em que em Portugal se accentua um movimento theatral muito notavel. Além do valor intrinseco tem portanto o valor da actualidade. Leiam-n'o todos aquelles a quem estes assumptos interessam, por que lá encontram, n'esse livro utilissimo, vasta copia de noções, esclarecimentos, preceitos, distribuidos por capitulos interessantes, nos quaes o auctor trata, á luz de um são criterio, de: a natureza no theatro, a intelligencia e os dotes phisicos, o comediante, o paradoxo de Diderot, o naturalismo e a convenção.

E' um trecho de *O theatro e o actor*, que damos hoje aos leitores do *Brasil-Portugal*:



Palmyra Bastos

Guerra aos adjectivos, que a respeito d'ella já todos estão esgotados. Como estrella é de primeira grandeza em diversas constellações, na da opereta, na do drama, e na da comedia. Eis o que a distingue d'outras estrellas. Brilha agora no céu do «D. Amélia», onde fazemos votos por que se conserve largos annos e bona.

«Nos tempos da tragedia classica, em que o actor tinha d'encarnar figuras que não eram homens, mas quasi symbolos, em que uma auréola de todas as virtudes cercava a fronte dos heroes; e Cinna, Augusto e Alexandre, semi-deuses, puras abstracções sem attributos terrenos, sem temperamento a modalisar-lhe as paixões, e, mais que olympicos, espectraes, tinham na bocca uma linguagem celica, ideal, que não serve d'expressão entre os humanos, então, comprehendia-se talvez melhor a doutrina de Sareey.

N'essa epoca, a perfeição plastica condensando uma figura vaga como uma imagem de sonho, a magia d'uma voz timbrada, cantante, embaladora, ou o calor d'uma alma de paixão, rugindo desesperos, bastavam para a realisação de personagens que não conheciam exigencias materiaes; e tudo isto era primario n'uma arte convencional e requintada que em vez de nutrir-se da verdade, buscava subtilisar-se em acuidades puramente imaginosas de heroismo e de moral.

O espirito do seculo XVII, comprazia-se no ideal, na visão poetica; o dos nossos dias, exige a visão real, mas sempre artistica, em toda a multiplicidade dos seus aspectos. As figuras da tragedia não viviam, existiam; bastava-lhes para a integridade das fórmulas um ether luminoso que as banhasse; a morte era uma simples suppressão do movimento; e, do soffrimento, sómente conheciam a dôr moral.

As figuras do nosso drama, pelo contrario, quer sejam da historia ou da actualidade, vivem sempre na atmosphera do seu meio e da sua epoca: não são estatuas animadas, são seres physiologicos. D'ahi a necessidade de conhecer-se todas as modalidades psychicas que resultam do temperamento e dos factores externos que sobre o individuo incidem, para a sua interpretação real sobre a scena.

E' este o estudo do *character*, estudo bastante arduo e complexo por n'elle entrarem em jogo as mais varias noções das sciencias, e artes plasticas, como elementos necessarios á comprehensão e expressão final da figura.

A natureza, cansada de crear a grande alma dos heroes, deixou-lhes o corpo, em regra, descuidado, defeituoso ou banal.

Napoleão I, baixo e obeso, deselegante, não se encarnaria com verdade n'um actor de fórmulas bem lançadas, de plastica irreprehensivel.

Excepções á parte, as figuras celebres da historia e da



Lucinda do Carmo

Ha alguns annos afastada e arredia, cá a temos na plena posse da sua arte e do seu talento. Até nos parece renovada, na malleabilidade do espirito, e na suggestão do seu sorriso, que ora abriga canduras ora despeja malicias.

Por ter sido a musa da opereta, a sua arte elastica transforma-a quando ella quer e fai-a de um momento para o outro musa de alto drama. E' uma das mais brilhantes figuras do theatro portuguez.

sciencia, guerreiros, sabios, litteratos, Horacio, Alexandre, Archimedes, Pope, Byron, foram tão notaveis pelos esplendores do seu genio como pela exiguidade da estatura; alguns, foram rachiticos, e Socrates, lemos algures, tinha a phisionomia d'um cretino. Sendo hoje a Verdade o objectivo de toda a arte, esses vultos não poderiam caber sem correcção a menos, nas fórmas perfectas, esculpturaes que eram o ideal da tragedia classica, e antes exigiriam, em contrario, finura d'espirito, para a comprehensão dos conceitos postos pela poesia na bocca d'esses gigantes do heroismo, da virtude e do talento.

Fóra dos papeis amorosos, a belleza phisica occupa sobre a scena, especialmente no moderno repertorio, um lugar verdadeiramente secundario. E n'esses papeis, ainda, a arte e o talento podem supprir em *graça*, em *encanto*, o que falta ao rosto em maior rigor classico.

Delauny, diz Coquelein, não era bello, e foi um primeiro galã encantador; ninguem em *scena* pareceu nunca tão formoso.

Victor Hugo dizia á actriz Dorval:

«Vous n'êtes pas belle, vous êtes pire!» para significar o poder de seducção que ella exercia a despeito da sua phisionomia irregular.

A entrada do realismo no theatro, apciou do seu throno d'amor e de gloria essa figura inverosimil e ideal chamada o «galan dramatico».

Aquelle composto de bellezas phisicas e moraes, que constituia o centro da acção do romantismo, cedeu o seu lugar a uma figura humana que será amorosa se tanto interessar á intriga e ás leis da physiologia, mas que não sendo filha de Venus nem d'Apollo não é obrigada a luxos anatomicos incompativeis com as posses de seus progenitores.

A dramaturgia moderna, toda experimental e d'analyse, divorcia-se por completo da opera lyrica, separando-se pelo assumpto, para extremos bem oppostos, a poesia cantada, das peças destinadas á dieção.

A comedia abriga o espectador, cada vez mais, a comparar, a verificar, a reflectir; a musica, ferindo simplesmente o coração, só busca para seu thema as acções de sentimento; no poema lendario ou mythologico, e no romantismo, o mais imaginoso e mais ardente, encontra ella o seu campo d'acção mais apropriado e effectivo.

Por isso, se a opera, aváramente, conserva o seu tenor, em cujo timbre fresco e terno se apresenta, a um tempo, coração e juventude, — os fuleros do velho thema que a musica se compraz em avultar e colorir, — o drama, seguindo a corrente realista de toda a arte litteraria, procura os seus typos exactamente na média da humanidade; e não pode, por isso, conservar o *amoroso* com os attributos falsamente ideaes que lhe conferia o romantismo. Não se illuda pois o actor; e, d'entre os seus dons phisicos, cuide mais especialmente d'um: a voz, o mais precioso sem duvida dos dotes exteriores.

Eduque-a por um estudo methodico, intelligente, e procure sobretudo tornal-a malleavel, colorida, rica d'inflexões.

No resto, satisfaz uma equilibrada mediania que, ajudada pela caracterisação, arte accessoria das mais importantes no theatro, encontrará todos os effectos exigidos pelo caracter exterior do personagem.

Com essa collaboraçaõ das artes plasticas, cavam-se ou arredondam-se as faces, avolumam-se ou diminuem-se as fór-

mas, conseguindo se com arte e com estudo as mais surprehendedentes illusões. Lesueur, o mais prodigioso cultor do pittoresco no theatro — artista d'estatura quando muito mediana — conseguiu fazer um D. Quichote, que, no dizer de Coquelein, quasi parecia não ter fim; havia a illusão de que o corpo se media pelo comprimento da sua lança: «era o heroe de Cervantes em toda a melancholia da sua interminavel magreza».

Estude pois o actor tudo quanto por complementar e accessorio possa auxiliar a sua arte; desenvolva todos os elementos externos do talento; trabalhe o corpo, adextre a phisionomia, exercite o olhar e eduque a voz; mas não perca de vista que é o caracter interno da figura que ha de ordenar e pôr em acção os seus recursos. Attingil-o, comprehendel-o, é metter em si proprio essa força, essa energia psychica, que, actuando sobre os varios agentes physiologicos, já educados para a obediencia á alma nova, creará a alma viva e suggestiva, complexo d'arte e natureza, que é o personagem do tablado, a obra por excellencia do actor.

Por isso, para o comediante d'hoje, o mesmo enunciado de Lekain tem ainda de ser modificado: no producto que exprimir o seu talento devem entrar como factores primarios, e em valores *eguaes*, a alma e a *intelligencia*.

## ↔ Gymkana em Cascaes — 31-11-905 ↔



El-Rei e Infante D. Affonso



Clicês Benollet.

Assistencia

Se para um ou outro espirito rotineiro, a discussão especulativa aqui deixada não basta á demonstração d'esta doutrina, lembramos-lhe a eloquencia dos exemplos apontados; concluirão d'ahi, que os factos confirmam a theoria, e que, verdadeiramente grandes, no theatro, só foram os que esqueceram ao coração o seu trabalho e o illuminaram com a intensa luz do seu saber.»

J. REIS GOMES.

## A canhoneira "Patria," e o contra almirante Augusto de Castilho

Na Associação Commercial do Rio de Janeiro, por occasião da festa em homenagem á officialidade da canhoneira *Patria*, em 16 de outubro, o sr. barão de Ramiz Galvão pronunciou um discurso notavel exaltando feitos portuguezes; e, relembando a revolta de 94, cita com palavras que muito nos penhoram o nome do nosso muito querido companheiro na direcção do *Brasil Portugal*, Augusto de Castilho. Recordamos d'esse discurso os periodos que se referem ao ex-commandante da *Mindello*, o navio portuguez em que mais de quinhentos brasileiros encontraram asylo e protecção, e de aqui enviamos ao illustre orador o nosso agradecimento pelas suas palavras de justiça e de sinceridade.

A REDACÇÃO.

«... Corriam os primeiros dias de março de 1894. Pezava sobre esta cidade, que hoje vedes engalanada e entregue aos santos labores da paz, a plumbea e asphyxiante atmosphera da revolução. Uma fração brilhante da marinha de guerra brasileira, ou inflammada pela ancia patriótica de contrapôr-se a uma situação, que em seu entender infelicitava a patria e, como dictadura tyrannica, a conduzia á ruina, — ou movida por erronea interpretação dos acontecimentos e dos homens que então empunhavam as redeas do governo (não indagamos isto, que me não cabe nem é talvez tempo ainda de assegurar), uma parte da nossa brilhante marinha de guerra, de boa fé e em todo caso com intuitos certamente nobres, hasteára o pendão da revolta.

Por espaço de seis longos mezes luctuosos ella tentara debalde alcançar a victoria. O poder constituido de então, altivo e tenaz, no desempenho de seu papel, resistira a todos os embates e preparára com firmeza o circulo de ferro e fogo, em que pretendia afinal envolver e jugular a revolução.

As circumstancias haviam-se tornado prementes e atrozes para aquelle punhado de intrepidos brasileiros: exhaustos os elementos para a lucta, assediados por uma força vinte vezes superior, negada a capitulação, a sua perda era irremediavel... e quem poderia prever até onde iria a represalia dos vencedores?

Foi, foi n'essa conjunctura angustiosa, — ou morrer ingloriamente no combate desigual, ou entregar-se á discreção do adversario quiçá inclemente e cruel, porque a paixão desvaira e o fumo das batalhas entontece; foi n'esse momento decisivo e doloroso, que um illustre camarada vosso, o galhardo capitão de fragata Augusto de Castilho, commandante da *Mindello*, inspirado nos mais altos sentimentos de humanidade, prestou ao proprio renome do Brasil inolvidavel serviço,

dando asylo salvador a 500 brasileiros abatidos pelo infortunio e traidos pela sorte das armas.

Estava ali uma coorte de officiaes distinctos e militares de valor, já então commandada por aquelle brioso almirante Saldanha da Gama, que, por extranha fatalidade, — elle, militar ás direitas, o typo mais perfeito da correcção e o mais severo cultor da disciplina, elle que recusára sempre obstinadamente o seu nome e o seu concurso a todas as tentativas de sublevação e a todos os concluios politicos, — foi arrastado na onda voraz da revolução para não deixar-nos senão, a nós, a lagrima de eterna saudade, e na marinha brasileira uma tradição que os annos não apagam.

Ah! senhores, não discutamos se Castilho, dando o asylo, obedeceu ás normas strictas do direito internacional; não indaguemos se elle mediou as consequencias politicas d'esse acto, que perturbou por algum tempo as relações officiaes dos nossos governos e levantou protestos aquem e além-mar; não aquilatemos esse passo extraordinario pela bitola vulgar dos interesses. Não é com o plano que se mede o Sol. Castilho, o glorioso marinheiro portuguez, foi, n'esse dia de lucto para tantas almas, um Archanjo de luz; pôz em perigo a sua carreira e o seu futuro, não viu agruras do processo nem lufadas de impopularidade; ferveu-lhe nas arterias o sangue immaculado dos Castros e Albuquerque; sentiu só que era portuguez, — e escreveu uma pagina da Historia, que os seculos hão de eternamente applaudir e glorificar.

Ha, pois, n'este paiz muitos milhares de corações que não podem ver um representante da vossa luzida marinha sem explosões de justa e agradecida ternura: mães, filhos, esposas, irmãos e amigos que a ella davam a vida de seus parentes idolatrados.

Ha aqui um concerto entusiasta de lóas e de preces calorosas ao Céu pela vossa prosperidade crescente; um côro angelico de virgens a supplicar á angusta Senhora dos Navegantes pelo destino feliz de tão dignos marinheiros, um applauso convicto de todos os homens de coração e de bom senso, para quem, na peor das hypotheses, o acto decisivo de Augusto de Castilho foi um rasgo de generosidade, de que só são capazes almas verdadeiramente grandes e espiritos realmente eleitos.

Sê-je bemvidos, pois, dignos camaradas d'esse Archanjo de luz, dignos filhos d'essa raça que tanto ennobrece o nome latino. Aceitae, como tributo de justa homenagem, todas estas flores, que uma população inteira lança no vosso caminho de triumphadores.

Dentro em pouco, cumprida com luzimento a vossa missão n'estas plagas americanas, voltareis ao seio da patria radiantes e contentes. Levae ao vosso governo e ao vosso esclarecido rei a segurança do amor intenso e da gratidão inapagavel que a familia brasileira consagra ao querido Portugal.»

O primeiro sacerdote que celebrou o sacrificio da missa na America, depois da descoberta por Colombo em 1492, foi frei João Peres, portuguez, religioso de S. Francisco. Disse a missa no porto de S. Domingos, em uma capella que o mesmo padre fabricou de ramos de arvores, collocando n'ella o Santissimo Sacramento.

J. DE VILHENA BARBOSA.

As unhas que usurpam o titulo de bentas são aquellas que, empregando piedades, fazem a preza em laticinios.

Padre ANTONIO VIEIRA.

O que se dá pedido e rogado já custa tanto como comprado.

Frei LUIZ DE SOUSA.

## AFRICA OCCIDENTAL



O vapor «Ambaca» atracado á ponte na bahia do Lobito



Expedição mineira da companhia do caminho de ferro de Benguela ao Lobito

# Emprezarios de Theatros

(Theatro D. Amélia)



Visconde de S. Luiz Braga



Sousa Bastos

Aqui está um que sabe da sua profissão e está no seu lugar... Coisa rara. Emprezario cosmopolita, tem sabido metter na sala do «D. Amélia», todo o mundo do theatro de todo o mundo: os que escrevem, os que representam, os que applaudem e os que... pateiam.

Figura indispensavel á sociedade portugueza, o visconde de S. Luiz Braga não é um homem, é... uma instituição.

O Brasil, o Avenida, o D. Amélia, são os pontos cardaes da sua rita theatral. Escripitor, empezario, critico, ensaiador, o seu baizel singra por todos os mares, arrosta com todos os ventos, affronta todos os perigos. Que depois de tão longa travessia, ora arriscada, ora brilhante e gloriosa, seja o «D. Amélia», o desejado porto de salvamento, é o que esperam e desejam os que fazem justiça ao valor e ao trabalho.

## THEATROS

**D. Maria** — O Gaiato de Lisboa. O Morgado de Fafe. **D. Amélia** — O Grande Cagliostro. **Gymnasio** — Sua Ex.<sup>a</sup>. **Principe Real** — A Feiteira. **Colyseu dos Recreios**.

Vae no começo a época theatral e comtudo um grande numero de peças, novas algumas, outras já muito conhecidas, tem chamado o publico aos primeiros theatros de Lisboa.

Aquellas com que abriu o theatro de **D. Maria**, e lá se tem conservado em scena, são conhecidas de sobra. O Gaiato de Lisboa representou-se ha mais de 60 annos. O Morgado de Fafe, creado na scena portugueza pelo Rosa pae, ainda a época passada conquistou applausos e provocou o riso das plateias.

Pois são estas duas obras de theatro, agora arrancadas aos archivos, que estão dando enchenes ao theatro renovado, e mostrando que só envelhece o que não presta.

E' certo que o desempenho actual as remoeça a ambas, dando-nos por vezes a impressão de que estamos deante de obras novas. Mas como o não são, e, bem ao contrario, ambas tem... cabelos brancos, só do desempenho nos compete falar.

Dois artistas se salientam no Gaiato de Lisboa: Adelina Abranches e Augusto de Mello. Ella, o gaiato, com todas as suas diabruras, alegre e brinçalhão, estouvado, intelligente, bom, generoso; Augusto de Mello, o general, rabujento como um velho gottoso, e docil como uma creança, irritado e bondoso, tolerante e bizarro. São duas figuras, estudadas com consciencia e primorosamente executadas.

Adelina e Mello crearam duas individualidades theatraes e puzeram tal proporção no desempenho que elle bastaria á sua reputação artistica se ella não estivesse de ha muito firmada.

Mas outros papeis ha no Gaiato em que se esmeraram tambem os artistas que d'elles se encarregaram. Ignacio, por exemplo, dá-nos um typo magnifico no velho Cosme, e importantes são os papeis de Luz Vellozo, de Maria Pia, de Amélia Vianna e de Luiz Pinto.

No Morgado da Fafe, do grande Camillo, continua a sobressahir o magistral desempenho de Ferreira da Silva, que arcou com as difficuldades d'esse papel e as venceu brilhantemente, acompanhado por Joaquim Costa, Luiz Pinto, Beatriz Rente, Cecilia Machado, Luz Vellozo, e outros artistas ainda que deram vida e relevo aos personagens do Morgado de Fafe.

Se de **D. Maria** passamos para o **D. Amélia**, ahí se nos depara uma peça nova: o Grande Cagliostro, extrahido pelo sr. Carlos Ma-

lheiro Dias de um romance seu original, com igual titulo. E' evidentemente um trabalho que honra o auctor, pela scintillação do dialogo, pelo estudo da época, pelo sereno desenvolvimento da acção, pela apresentação de personagens cujos nomes conhecidos de nós todos pertenceram á historia portugueza dos fins do seculo XVIII.

Não quiz o sr. Malheiro Dias deixar de fazer uma obra nitida, calma, sem explosões ou paixões violentas, sem arrebatamentos theatraes. Contentou-se em dar através de uma arte superior, uma bella pagina vivida da historia portugueza em que temos encontrado cem vezes essas figuras caracteristicas do Principe do Brasil, do duque de Lafões, do Tolentino, do intendente Pina Manique e de José Balsamo — o Cagliostro —, essa figura lendaria que depois de dominar pela graça, pela phantasia, pelo talento e pela audacia, nas principaes côrtes da Europa, veiu a Portugal, conseguindo impôr-se á nossa.

Augusto Rosa foi n'este papel de Cagliostro, o conde de Stephanis, de uma observação rara, de uma rigorosa investigação e, como sempre, de uma arte superior; Paimyra Bastos personalisou com todo o seu talento a figura sympathica d'esse rapaz que era uma esperança para a nação inteira quando a morte o arrebatou no vigor dos annos, quando elle, principe do Brasil, educado na escola do Marquez de Pombal, promettia seguir no throno a politica reformadora d'aquelle que fôra o grande ministro de D. José.

Lucilia na Lorenza, Henrique Alves no Duque de Lafões, Pina Manique no Intendente Pina Manique, Alvaro Cabral e Azevedo deram ao ensemble uma grande harmonia.

No Gymnasio, Valle, com a sua veia impagavel e a sua inexgotavel graça, remoeça as peças do seu repertorio, como a Sua Excelencia, em que conquista hoje applausos como aquelles que ha 20 annos arrancára á plateia do mesmo theatro, onde Gervasio, o auctor laureado, e elle — o laureado interprete — assentaram arraias, e dominaram o publico e venceram em toda a linha.

E se exceptuarmos o Principe Real, onde a Feiteira, de Sardou, traduzida e bem, por Maximiliano de Azevedo, enche a sala todas as noites, tanto pelos meritos da peça como pelo excellente desempenho de Lucinda do Carmo, Maria das Dores e Valle, não temos que nos occupar de outras salas de espectaculos, que estão fechadas por ora, a não ser o Colyseu dos Recreios que é a great attraction da época, o rendez vous obrigado de toda a sociedade de Lisboa, que vae todas as noites applaudir a mais completa companhia comica, acrobatica e gymnastica que tem vindo a Portugal.